

O Brasil e seus descobridores: rastros da experiência brasileira de Rubén Darío

Cláudia Lorena Fonseca¹

Centro de Letras e Comunicação/Programa de Pós-graduação em Letras,
Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, Pelotas, RS, Brasil

Resumo: Sobre o conhecimento que se tem de Rubén Darío no Brasil, como poeta ou figura de destaque dos círculos intelectuais latino-americanos, podemos dizer que muito pouco se sabe sobre ele ou seu trabalho. Darío, hoje, é quase desconhecido nos meios acadêmicos e literários do país. De suas visitas ao Brasil, por exemplo, não há muitos detalhes em sua produção biográfica. No entanto, as relações que o autor estabelece no país são importantes, pois se tornam determinantes para o conhecimento e a aproximação das culturas ou do diálogo entre elas. O fato é que Rubén Darío *descobre* o Brasil antes que outros autores ou países da América Latina o fizessem, colocando o país no mapa intelectual do continente, não apenas ao apresentar a produção de seus autores por suas leituras ou estudos, mas como uma conexão, a partir do contato direto com os próprios autores, levando até o Brasil o fio com o qual teceu sua rede latino-americanista, essa “*confraternidad espiritual internacional*”, como o autor denomina. Destacamos neste estudo, portanto, a importância de Rubén Darío como um dos maiores responsáveis por provocar essa aproximação.

Palavras-chave: Rubén Darío; Redes intelectuais; Modernismo(s); Brasil/*hispanoamerica*.

Título: Brasil y sus descubridores: rastros de la experiencia brasileña de Rubén Darío

Resumen: En cuanto al conocimiento que tienen los brasileños sobre Rubén Darío, como poeta o figura destacada en los círculos intelectuales latinoamericanos, podemos decir que se sabe muy poco sobre él o su obra. Hoy, Darío es casi desconocido en los círculos académicos y literarios del país. De sus visitas a Brasil, por ejemplo, no hay muchos detalles en su producción biográfica. Sin embargo, las relaciones que el autor establece en el país son importantes, ya que se son determinantes para el conocimiento y el acercamiento de las culturas o el diálogo entre ellas. El hecho es que Rubén Darío descubre Brasil antes que otros autores o países de América Latina, colocando al país en el mapa intelectual del continente, no solo al presentar la producción de sus autores por sus lecturas o estudios, sino como una conexión, a partir del contacto directo con los propios autores, llevando a Brasil el hilo con el cual tejó su red latinoamericanista, esta “*confraternidad espiritual internacional*”, como nombra el autor. Destacamos en este estudio, por lo tanto, la importancia de Rubén Darío como uno de los principales agentes de este acercamiento.

Palabras clave: Rubén Darío; Redes intelectuales; Modernismo (s); Brasil/*Hispanoamerica*.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Pós-doutorado na Universidad Nacional de Cuyo-UNCuyo-Mendoza, Argentina. Professora Adjunta na Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, Pelotas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4787-0575>
E-mail: fonseca.claudialorena@gmail.com

Title: Brazil and its Discoverers: traces of Rubén Darío's Brazilian Experience

Abstract: Regarding Brazil's Knowledge about Rubén Darío's, as a poet or prominent figure in Latin American intellectual circles, we can say that very little is known about him or his work. Darío today is almost unknown in the country's academic and literary circles. Of his visits to Brazil, for instance, there are not many details in his biographical production. However, the relations that the author establishes in the country are important, as they become crucial for the knowledge and the approach of cultures or the dialogue between them. The fact is that Rubén Darío discovers Brazil before other Latin American authors or countries do, putting the country on the continent's intellectual map, not only by presenting the production of its authors by their readings or studies, but as a connection, by the direct contact with the authors, leading to Brazil the thread which he weaved its Latin American network, this "international spiritual fraternity", as the author denominates. We emphasize in this study, therefore, the importance of Rubén Darío as one of the main responsible for provoking this approach.

Keywords: Rubén Darío; Intellectual networks; Modernism(s); Brazil/hispanic america.

Atualidade de Rubén Darío

O que ainda poderia ser dito a respeito de Rubén Darío no âmbito dos estudos literários latino-americanos? Personalidade marcante no cenário das letras do continente no contexto de fins do século XIX, primeiras décadas do século XX, podemos afirmar que, certamente, ainda há muito a dizer sobre Darío, consideradas as características de sua obra e, sobretudo, de sua própria figura. A atualidade dos estudos é evidente e é fato que podemos comprovar com facilidade em uma simples busca bibliográfica. O interesse permanece e se renova, intensificando-se em datas significativas de sua biografia, caso do centenário de sua morte, por exemplo, ocorrido em 2016, quando se observou uma profusão de homenagens e eventos a ele dedicados, oportunidades de alguma síntese, inventário e reflexão. Os estudos que têm sua obra por objeto hoje se concentram em torno de novos questionamentos suscitados e, em especial, por novos achados, originais do autor e textos dispersos, inéditos ou não, surgem amiúde. Pela especificidade de sua produção esse fenômeno é favorecido, dado que Darío viveu em diversos países, em mais de um continente. Esses achados, bem mais que comemorações que giram em torno de sua figura, colocam seu nome em destaque e no centro dos debates, recuperando o fôlego dos estudos, o legado e a memória daquele que foi talvez o mais representativo autor e pensador de sua época, não apenas no contexto latino-americano, mas além-continente.

Daniel Link (2018) se refere a Darío como a primeira figura planetária capaz de desenhar um passado e um futuro americanos desde uma perspectiva mundial.

América es, luego de la sutura provocada por el intercambio colombino, un asunto del pensamiento, y ese pensamiento estalla, para nosotros, alrededor del centenario de las independencias de las naciones hispanoamericanas, es decir, en

el cambio de siglo y, más precisamente, con la irrupción en la escena literaria de la primera figura planetaria, capaz de diseñar un pasado y un futuro americanos desde una perspectiva mundial: Rubén Darío. (p.16)

Segundo Suzana Zanetti, “a partir de 1893, quando se transferiu a Buenos Aires, Darío já ambicionava inserir-se no que chamaríamos a República Mundial das Letras, ressaltando assim, da mesma forma que Gómez Carrillo e outros, um pertencimento múltiplo” (2007, p. 20), propósito ao qual se dedica ainda em sua Managua natal, onde inicia “uma carreira caracterizada pela firme decisão de distanciar-se das práticas provincianas” (p. 20), começando pelas cidades centro-americanas vizinhas e, logo em seguida, nas hispano-americanas mais modernas para, a partir daí, lançar-se além mar.

“En la tierra de los diamantes y la dicha tropical”

O mundo hispânico ainda tem, portanto, muito a dizer a respeito de Rubén Darío, embora muitas vezes os estudos sobre autor e obra pareçam esgotados. Todavia, há um universo ainda pouco explorado nesses estudos: a consideração do legado de Darío em um contexto latino-americano mais amplo. Talvez fosse o momento de levá-lo ao outro lado da América Latina, o de colonização portuguesa, posto que no Brasil o autor é quase um desconhecido, apesar da marca indelével deixada por sua presença no país.

Então, o que poderíamos dizer sobre o estudo de sua obra do outro lado da fronteira que separa a América de colonização hispânica da América de colonização portuguesa? No que diz respeito ao conhecimento que se tem do autor nicaraguense no Brasil, como poeta ou como figura de destaque dos meios intelectuais latino-americanos, podemos afirmar que é muito pouco o que se sabe a seu respeito ou de sua obra nos meios acadêmicos e literários do país e, menos ainda, fora deles. Certamente, não é o caso de se dizer que os autores hispano-americanos, de uma maneira geral, não sejam conhecidos no Brasil. Borges e Cortázar, Pablo Neruda e Octavio Paz, Garcia Marquez e Juan Rulfo, por exemplo, são conhecidos e estudados nos cursos de Letras que têm o espanhol como língua estrangeira; são também lidos fora da academia, embora não tanto como seria de se esperar, dadas as relações de identidade entre as nações latino-americanas, irmanadas já na colonização. Mas não ouvimos falar de Darío. E nos perguntamos a que se deve o fato.

Em uma busca preliminar sobre Rubén Darío e suas visitas ao Brasil, encontramos algumas poucas referências em citações de jornais da época, além de uma Praça Rubén Darío, no Leblon, Rio de Janeiro e, ainda, uma Escola Estadual Rubén Darío, em Salvador, Bahia, por exemplo. Também foi lançado um selo comemorativo no ano de 1966. Parece que mais lembrado é o suposto interesse do autor por uma dama, ou ainda por aquela que seria a inspiração para um de seus poemas – *Balada de la bela niña de Brasil* (1911), Anna Margarida, filha de seu amigo Fontoura Xavier. Naturalmente, encontramos artigos acadêmicos, embora não em grande quantidade, considerando-se a agitação que causou nos

meios literários e acadêmicos sua passagem pelo país. No entanto, isso seria tudo que restou de sua passagem pelo Brasil?

Aparentemente sim, mas não é o que se pode afirmar se formos mais além na investigação do tema. O fato é que Rubén Darío *descobre* o Brasil antes dos demais autores, estudiosos ou nações latino-americanas. É a partir de sua aproximação ao meio intelectual brasileiro, que a América hispânica parece perceber os pontos de contato com essa outra nação *también* latino-americana.

Ao se referir ao Brasil, afirmava Darío, em 1917:

Existe cerca de nosotros un gran país, hijo de Portugal, cuyas manifestaciones espirituales son en el resto del continente completamente ignoradas [...] hay en Brasil una literatura digna de la universal atención y del estudio de los hombres de pensamiento y de arte, nos comienza a llegar los ecos de un renacimiento de las letras brasileñas. (DARÍO, 1917b, p. 248-249)

Sobre as visitas do nicaraguense ao Brasil não há muitos detalhes em sua produção biográfica, o que se sabe é que já na época de sua primeira visita, em 1906, Darío era reconhecido nos meios intelectuais brasileiros como o maior nome da intelectualidade hispano-americana, lido e conhecido pelos autores brasileiros. No Brasil, seu contato com autores e intelectuais é proporcionado por suas andanças e relações diplomáticas. No país, estabelece relações de proximidade e, sobretudo, de admiração com o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Joaquim Nabuco, e relações de amizade com Fontoura Xavier, Graça Aranha e Elysio de Carvalho, autores com os quais convive e dialoga no plano intelectual. Em sua primeira visita, conhece também a Machado de Assis, a quem escreve um poema no qual destaca a condição de *mestiço* do autor brasileiro, o que remete, de certa forma, a sua própria condição.

São relações importantes na medida em que determinam um conhecimento e aproximação de culturas, ou de diálogo entre elas, incluindo aí os caminhos de construção de identidades e de como essas nações resolvem as questões relativas à dependência cultural. Mas não apenas, são determinantes também naquilo que diz respeito à polêmica que se instaura a partir de então, que é a suposta revisão de conceitos de Darío a respeito dos Estados Unidos. “Yo pan-americanicé... /con un vago temor y con muy poca fe /en la tierra de los diamantes y la dicha /tropical” – (DARÍO, 1918, p. 135-136), afirma o nicaraguense em “Epístola a la señora de Leopoldo Lugones”. É no Brasil que suas relações com aquele que para ele era até então o grande inimigo a ser combatido predispõem-se, talvez possamos dizer, a se tornarem mais *amigáveis*, relativizadas, pelo menos em um primeiro momento.

Rubén Darío vem ao Brasil, em 1906, em missão diplomática, como secretário da delegação da Nicarágua, para a conferência pan-americana que se realizou no Rio de Janeiro. Havia conhecido a Joaquim Nabuco pouco tempo antes, figura que o impressiona pela erudição, por sua representatividade e posição nos meios acadêmicos, diplomáticos e políticos das Américas. Nabuco, a quem Darío estabelece como *religador* continental, era

diplomata, autor e ensaísta, mas foi também político, historiador, jurista, orador e jornalista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Organizador da Conferência pan-americana, é ele quem vai apresentar o nicaraguense a seus colegas diplomatas da delegação norte-americana e à intelectualidade brasileira. De acordo com Fred Ellison, que investiga as relações entre esses dois autores, trazendo à luz, inclusive, o texto *perdido* da fala² de Darío em sua visita de 1912 ao Brasil, na qual destaca a figura de Joaquim Nabuco, este era

el lider del pensamiento monroista en Washington y tambien, desde la tribuna del Presidente Efectivo de la Conferencia Panamericana, el máximo proponente de la idea de la amistad intercontinental. [...] Ya que su influencia personal sobre los otros latinoamericanos era grande, hay que ver a Nabuco como un hombre capaz de unificar a los latinoamericanos en la solidaridad hemisferica y de reforzar esta idea en Darío. (ELLISON, 1961, p. 336)

Talvez possamos dizer, então, que o convívio ou proximidade com Nabuco, e sua influência, fazem com que Darío repense suas reservas em relação aos Estados Unidos da América para, a partir daí, pensar em termos de pan-americanismo, e não mais nos de uma “confraternidade – exclusivamente - latino-americana”.

É no Brasil também, na esteira desses acontecimentos, e no contexto dessa convivência, que Rubén Darío escreve o polêmico poema “Saudação à águia”³, que o autor curiosamente lê a bordo de um navio de guerra. O poema, que rende ao autor a reprovação daqueles que, como ele, sempre estiveram em situação de oposição e combate às políticas *yanques*, foi escrito em um diálogo direto com Fontoura Xavier, a quem o nicaraguense define como “un parnasiano de la mejor ley”⁴, diplomata e poeta parnasiano brasileiro, o qual havia escrito “A Águia Pellada”, com a mesma *índole*, conforme observa Alberto Acereda,

El mismo Darío recordó aquella primera amistad con Fontoura Xavier en una crónica sobre éste, recopilada años después en las *Obras completas* de Darío y a modo de *Semblanzas* (1912). Allí Darío recuerda de Fontoura Xavier [...] que en su condición de cónsul brasileño en Nueva York, [...] estaba muy bien relacionado con la delegación norteamericana y que para ella escribió su poema al águila americana "que inspirara unos hexámetros míos con el mismo tema". Darío, por tanto, establece como fuente inspiradora de su "Salutación al Águila" a Fontoura Xavier, lo que explica la cita que el poema dariano lleva con una frase del mismo poeta brasileño: "...May this grand Union have no end!". Darío prosigue elogiando la condición caballerosa de Fontoura Xavier y su capacidad para adaptarse a la vida norteamericana elogiando así su obra lírica tanto en portugués como en lengua inglesa. (ACEREDA, 2012, p. 366)

Ainda em relação à polémica suscitada pelo poema, este representa uma ruptura em

² Não é necessariamente *fala*, já que ele não fala diretamente por estar enfermo e acamado. O texto foi lido por um representante.

³ O poema alusivo à participação de Rubén Darío no Terceiro Congresso Panamericano do Rio de Janeiro, “Salutación al Águila”, está publicado em *Cantoerrante* (1907).

⁴ “Semblanzas”. In: *Obras completas* (1950-1955). Madrid: Afrodísio Aguado, 1912, p. 861.

relação à oposição e à forma como Darío representava “la expansión del imperialismo norteamericano y su propuesta de integración continental, el Panamericanismo.” (FERNÁNDEZ, 2012, p.123). Para aqueles que o conheciam e que compartilhavam do mesmo ponto de vista, este não era o mesmo autor que em 1898 havia escrito a crônica “El triunfo de Calibán”, antes mesmo do surgimento de *Ariel*, de José Enrique Rodó, em 1900. Nesse texto, Darío conclama “todos los países ‘desde Méjico a la Tierra del Fuego’ a conformar una Unidad Latina que enfrente el imperialismo de Estados Unidos” (FERNÁNDEZ, 2012, p. 123), lamentando a adesão do Brasil ao *inimigo*, por conta de interesses comuns. Confrontado, o autor justifica seu posicionamento alegando que não há nada de contraditório em sua atitude ou em relação a seu poema. Para o nicaraguense, respondendo a um amigo que o recrimina, trata-se de um gesto diplomático, de cortesia: “¿Saludar nosotros al Águila; sobre todo cuando hacemos cosas diplomáticas...? No tiene nada de particular. Lo cortés no quita lo Cóndor...”. O diplomata, aqui, se sobrepõe ao pensador?

Nesse sentido, de acordo com Juan Fernández, em seu estudo “Rubén Darío. Una obnubilación brasílica”,

Darío configura, para el espacio privado, su pertenencia a la esfera del Cóndor y para el espacio público, su adhesión al encuentro con el Águila, a la política panamericana de integración del Cono Sur con Norteamérica. Según Darío, los versos fueron escritos “[D]espués de conocer a Mr. Root y otros yanquis grandes y gentiles, y publicados junto con los de un poeta de Brasil” [...]. Así, la poesía pasa a ser otro instrumento diplomático, una producción literaria que es elaboración del escritor profesional que tiene intereses en esa esfera de la política internacional. Rubén Darío representa las múltiples opiniones sobre el panamericanismo, adhiere y a la vez critica, pero en última instancia se pronuncia a favor de la integración panamericanista. En sintonía con los escritores brasileños, en torno a *Itamaraty* y a la *Academia Brasileira de Letras*, Darío representa a una Pan-América continental que reúne a todas las naciones en un destino, el de ser la tierra prometida hacia donde se mueve el capital y la inmigración, que deja detrás a la Europa decadente. También en la crónica “Impresiones Brasileñas: La única gran política. El Dr. Lauro Müller” en *La Nación*, 15/06/1912, se refiere a una misión conjunta de Argentina y Brasil cuyo objetivo es lograr la armonía continental, y a la tendencia política del Ministro a una “[C]ompleta entente con los países americanos, comenzando con los Estados Unidos” (Darío, 1968, 250). Las representaciones idílicas y armónicas se interrumpen ese mismo año cuando Estados Unidos invade su patria natal. (FERNÁNDEZ, 2012, p. 126)

Também o fato de que a fala preparada por Darío para sua visita de 1912 ao Brasil faz referência justamente a Joaquim Nabuco é significativo. Essa segunda visita tem por objetivo, sobretudo, a divulgação de suas Revistas europeias, mas podemos perceber que sua índole e seu pensamento ainda estão em sintonia com o manifesto em sua visita anterior. Nesse texto, uma conferência-ensaio sobre Joaquim Nabuco, que havia falecido em 1910, o autor destaca a figura do diplomata brasileiro. A fala não foi proferida por Rubén Darío, por este estar enfermo, acamado, foi lida por um secretário. Essa conferência não consta de sua obra publicada e nem se sabe onde estão os originais. Segundo Fred Ellison, que recupera o texto a partir de um microfilme da edição de 18 de junho de 1912, do Jornal “O Paíz”, do Rio de

Janeiro, que a publicou na íntegra,

el texto es valioso para el conocimiento del poeta mismo y debe de considerarse uno de sus escritos más importantes sobre el Brasil. No solamente vale como obra seria nunca antes coleccionada sino que también puede proporcionarnos algunos detalles nuevos acerca de la vida del poeta durante un periodo decisivo en su vida, el de su participación como Secretario de la delegación nicaraguense a la Tercera Conferencia Panamericana en Rio de Janeiro, desde el 23 de julio al 27 de agosto de 1906. Es útil también por arrojar luz sobre algunos aspectos del pensamiento de Darío en sus años postreros. (ELLISON, 1961, p.330)

Podemos perceber o quanto as visitas de Rubén Darío ao Brasil vão representar em termos de mudanças de rumo e de pontos de vista, alimentando o debate, gerando polêmica e acrescentando mais dados ao conhecimento/desconhecimento de sua real figura, suas motivações e posicionamento frente às políticas norte-americanas. No entanto, conforme mencionamos, o contato com autores e o mundo acadêmico/intelectual brasileiro vai proporcionar a integração de nações e culturas que até então se desconheciam mutuamente. E o nicaraguense tem a adesão dos brasileiros. A esse respeito disserta Fernández:

José Veríssimo, en el discurso de recepción a Darío, que él mismo transcribe en “La Academia-I” (1912), expresa la voluntad de la *Academia Brasileira* de formar parte de una confraternidad espiritual latinoamericana para el cultivo de una diferencia, “[A]lgo original y distinto. Algo que viniendo del más íntimo o nacional, no portugués o español, venga un día, venga a ser en breve un día bien y expresivamente nuestra”, una “cordial confraternidad espiritual latinoamericana y de alto respeto por la cultura europea” (en Darío, 1968, 260) (FERNÁNDEZ, 2012, p.122)

Rubén Darío coloca o Brasil no mapa intelectual *de América Latina y el Caribe*, não apenas dando conta da produção de autores a partir de sua leitura, da citação ou de estudos, mas como conexão, a partir do contato direto com estes autores, ao levar até o Brasil o fio com que teceu sua rede latino-americanista, esta espécie de *confraternidad espiritual internacional* como assim denomina o autor (DARÍO, 1917, p. 55), chamando a atenção para o fato de que as questões fundamentais que afetam as nações de colonização hispânica, naquilo que diz respeito a sua formação, cultura e identidade, suas relações com o colonizador, afetavam de igual maneira essa outra nação, tão imensa quanto desconhecida, colonizada pela outra nação da Península Ibérica, reproduzindo de certa forma, na América, os mecanismos que determinam a relação Portugal/Espanha. Há especificidades no que diz respeito à configuração dos processos de colonização na América Hispânica e na Portuguesa, porém, em sua essência são processos que envolvem os mesmos mecanismos de subjugação, exploração e poder, e as mesmas necessidades, de independência e consequente busca de identidade. A partir do diálogo que estabelece Darío, em contato direto ou pondo em contato autores e estudiosos das nações hispano-americanas com Brasil, o intercâmbio e o interesse aumentam. O estudo e a produção ensaística, sobretudo, se

intensificam. Rubén Darío, a partir de seu cosmopolitismo, de seu trabalho de articulador, coloca em rede um grande continente e amplia essa ação, ao lançar além-mar esse fio que, ao ser repuxado, traz para mais perto Europa e América.

Não é pouca coisa, e é esse o grande mérito de suas ações tendo em vista o Brasil. Não foi o único, com certeza, mas foi pioneiro e certamente o mais ativo, abrangente e efetivo formador daquilo que conhecemos por redes intelectuais, fenômeno que hoje nos é tão familiar e que muitas vezes pensamos ser essencialmente contemporâneo. Apesar disso, hoje são raros aqueles que lembram, no Brasil, quem foi Rubén Darío, em sua relação com o país ou não. E na América hispânica, o período em que esteve no Brasil parece ser mera curiosidade, um detalhe de sua biografia, um dos tantos países por onde andou o autor. E nos perguntamos a que se deve o fato, dada sua importância e o que vai desencadear sua presença nesse país.

O fato é que Darío põe o Brasil no mapa da América Latina, mas não o fixa, mesmo porque não era uma tarefa sua, mas daqueles que o sucedem. E por que não o fixa? Provavelmente porque, e esta é uma hipótese, o nicaraguense estava, justamente, a frente de seu tempo naquilo que diz respeito ao seu pensamento e a suas ações, mas não naquilo que diz respeito à Estética ao qual estava vinculado como seu principal representante. Nesse sentido, chega *atrasado* ao país, pois a corrente estética a qual se filia o autor, o Modernismo hispano-americano, movimento que representa uma ruptura na América Hispânica naquele momento, não representava o mesmo no Brasil. Darío seria justamente o representante maior do ideal estético mais combatido no Brasil no início do século XX, o Parnasianismo, combate que leva ao movimento de ruptura em terras brasileiras representado pelo Modernismo Brasileiro. Por ocasião das visitas de Darío, vivia-se, inclusive, um período que em termos de periodização literária é *sui generis*. Convivendo com o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo, havia uma geração de autores que, de certa forma, já adiantava o que viria na década seguinte, tendências se faziam notar, mas sem uma unidade, nem como um movimento de autores organizados entre si na defesa de um ponto de vista, portanto, sem força de ruptura com os *padrões vigentes*. Entre esses autores, os assim denominados pré-modernistas, podemos citar, por exemplo, Euclides da Cunha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos e João Simões Lopes Neto. O próprio Graça Aranha, amigo de Darío, é incluído por vezes nessa categoria dos *fora de catalogação*.

Rubén Darío chega tardiamente, por isso sua obra não circula no Brasil. O intelectual acaba por não ser lembrado fora dos círculos ensaísticos, por sua obra estar vinculada a uma estética que já dava sinais de desgaste. O vínculo com o Parnasianismo automaticamente o relegou ao esquecimento, a não consideração de sua obra e, conseqüentemente, a não consideração do próprio Darío, pensador latino-americano. Nesse sentido, já estava *velho*. Além disso, os Modernistas da América Hispânica não chegam realmente a ser lidos no Brasil, ou são lidos por poucos, nos meios literários e acadêmicos. O que podemos dizer é que se instaura a partir de então um maior interesse de ambos os lados pelo conhecimento de processos, autores e obras, e dos vínculos existentes e passíveis de serem criados e

intensificados. A partir de então, autores como Mário de Andrade, José Veríssimo, Gilberto Freire ou Darcy Ribeiro, pelo lado brasileiro ou Garcia Mérou, autor de *O Brasil intelectual*, de 1900, o qual antecede a muitos desses autores, cujos estudos são resgatados e referenciados, e mesmo Leopoldo Lugones, considerando-se a América Hispânica, buscam entender os processos que identificam ou afastam autores e produção literária na América Ibérica.

No que diz respeito aos estudiosos brasileiros, sabemos, por exemplo, que o sociólogo Gilberto Freyre, manteve intenso contato com autores e ensaístas hispano-americanos, sendo, inclusive, colaborador no jornal argentino *La Nación*, na década de 1940. É autor lido e respeitado nos meios acadêmicos argentinos ainda na contemporaneidade, e dos mais traduzidos e estudados. Em 1941, Freyre viaja por Argentina, Paraguai e Uruguai, e essa viagem o faria pensar as relações do Brasil com os países de colonização espanhola da América Latina.

[Esse contato] assim resultaria tão influente que Freyre viria a ampliar alguns de seus conceitos em direção à parte de colonização espanhola das Américas. A partir daí é possível estabelecer [...] uma busca por abrangência (senão reformulação) conceitual acerca do que já havia sido dito por Freyre no que tange à colonização portuguesa no continente.

O autor de *Casa-grande & senzala* (1933) regressa dessa viagem tendo criado uma rede de contatos capaz de mantê-lo, desde Recife, em diálogo com os países nomeados acima [Argentina, Uruguai, Paraguai] mediante publicações em jornais e revistas locais. Exemplo disso é a inserção do ensaísmo freyreano no sistema literário argentino mediante sua colaboração no jornal *La Nación*. (DINIZ, 2014, p.61)

Freyre propõe o *interamericanismo*, “cuja intenção é pensar a especificidade acerca da oposição continentalismo/insularidade das Américas” (DINIZ, 2014, p.61). Além disso, em decorrência dessa interação, das leituras e do diálogo estabelecidos pelo autor, “sobrevém dali – ao fim e ao cabo – uma trama intelectual cujos fios enredam nomes como os de Martín Garcia Mérou, Benjamin De Garay, Ricardo Saéñz Hayes, Lídia Besouchet, Newton Freitas, etc.” (DINIZ, 2014, p.61)

Segundo Diniz,

é posto em xeque, com isso, o cânone do ensaísmo freyreano a contrapelo do que assegura a fortuna crítica da obra referida, isto é, o ensaísmo de Gilberto Freyre teria se recusado a comparar o Brasil com as regiões culturais de colonização hispânica, assim considerando as articulações da cultura brasileira apenas com as zonas culturais emergentes da colonização exclusivamente lusitana. (2014, p.60)

José Veríssimo figura também entre os autores e ensaístas que primeiro se debruçaram sobre as relações literárias Brasil/*Hispanoamerica*, especialmente desde o contato com Rubén Darío. Mário de Andrade é outro que se destaca nesse aspecto, já na década de 1920, interessando-se pelos autores e pelo diálogo com autores hispano-

americanos, em especial com os argentinos. Cabe destacar o importante papel desempenhado pelas Revistas culturais/literárias nesse processo, ao aproximar autores e ideias compartilhadas, além da correspondência trocada entre eles.

Portanto, salientamos a importância de Rubén Darío como um dos principais responsáveis por provocar essa aproximação. No entanto, embora o autor transcenda essa condição, os Modernistas brasileiros o colocam, se é que o conhecem de fato, na gaveta geral do Parnasianismo – o *inimigo*, o qual não está vinculado à relação dialética entre localismo e cosmopolitismo. E nisso se equivocam, pois o projeto dariano não era tão limitado quanto o era seu correspondente no Brasil, mas sim um projeto “sostenido de apropiación de la cultura de Occidente como totalidad a través de una profunda asimilación de toda la literatura decimonónica de Francia” (ARELLANO, 2018, p. 24), e ansioso por “asimilar por completo la cultura europea [...] haciéndola realmente universal, independientemente de tiempos y lugares” (p. 27): un carácter transatlântico. No entanto, “ese afán universalista no fue reconocido por muchos de sus herederos cuando irrumpieron en los años 20 y 30 del siglo XX” (p. 24). Menos ainda pelos brasileiros, é certo. Jorge Arellano destaca ainda as palavras de Darío sobre como este pensava a relação América Latina/Europa: “Una cosa que nos hace superiores a los europeos en cuanto a ilustración, es que sabemos lo de ellos más lo nuestro” (p.24). Ora, assimilação, apropriação, carácter transatlântico são termos que nos remetem aos princípios da Antropofagia de Oswald de Andrade, o que o aproxima ao projeto da geração que justamente irá não apenas combater o parnasianismo, mas, principalmente, deflagrar o movimento que de fato efetiva a ruptura com essa estética no Brasil, a dos modernistas brasileiros. Essa mobilização ocorre a partir do momento em que se detecta a necessidade de se estabelecer uma relação entre o local e o *universal*, o que já havia adiantado Darío, mesmo que essa consciência, entre os autores brasileiros, tivesse sido despertada já no Romantismo, quando são dados os primeiros passos no sentido de romper com o Pai/Português, mas a partir da negação simples e da busca de uma filiação desejada, a cultura europeia, mais especificamente a francesa, e em menor medida a inglesa, uma genealogia eleita. Em uma segunda etapa, a ruptura com Europa se concretiza, a partir *do aproveitamento de tudo*. Antropofagicamente.

Modernismo(s)

Nesse sentido, cabe destacar aqui um aspecto que distingue a literatura brasileira da literatura da América hispânica, em termos de periodização e nomenclatura, que já havíamos apontado, mas que talvez mereça um pouco mais de espaço no que concerne à reflexão que empreendemos. Trata-se daquilo que chamamos Modernismo, em termos de Literatura Hispano-americana, que não é o mesmo que designa esse termo quando falamos de Literatura Brasileira. Esse aspecto é causa de equívocos e muitas vezes incompreensão, quando buscamos estabelecer vínculos entre o processo de formação das literaturas

nacionais na América Latina.

Ambos os movimentos são de ruptura e de busca de estabelecimento de identidade. Ambos buscam romper com a tradição: o antigo substituído pelo moderno, uma necessidade. O antigo na América hispânica representado pelo Romantismo; no Brasil, pelo Parnasianismo e pelo Simbolismo, justamente a modernidade hispânica. O rompimento com a tradição, o Modernismo, ocorre trinta anos depois no Brasil, em relação ao Modernismo hispânico, porém, se estabelece como o passo definitivo, o que talvez explique o fato de sua permanência, pois se dá a partir de outras estéticas ou modelos, provavelmente mais favoráveis à consciência do momento vivido, mais maduro e calçado na experiência realista, talvez a hora exata ao estabelecimento de uma noção mais clara do que seria esse sujeito latino-americano e de sua condição, uma *consciência (ainda) amena do atraso*, nos moldes do que propõe Antonio Candido em “Literatura e subdesenvolvimento” (1973). Poderíamos dizer que parte também de lições aprendidas do Modernismo hispânico? Talvez não, pelo menos não conscientemente, pois os olhos dos modernistas brasileiros estavam voltados para a Europa, e não para a América de colonização espanhola.

Para os Modernistas brasileiros as vanguardas europeias foram determinantes para o processo de rompimento que culmina com a Semana de Arte Moderna de 22, e no coloquialismo de Manuel Bandeira, e em toda a experimentação de Oswald de Andrade e todas as possibilidades proporcionadas por esse contato e aproveitamento; os Manifestos, as Revistas, toda uma efervescência e um entusiasmo que eram inéditos nas letras do país e que refletiam o *frisson* Moderno que se alastrava em escala mundial. Porém, a não correspondência de nomenclatura entre esses movimentos na América Latina, teria sido um complicador para a integração e para o conhecimento entre autores?

O fato é que movimentos estéticos estão estreitamente relacionados aos processos históricos. Na relação que se estabelece entre as nações latino-americanas e o colonizador, podemos identificar muitos dos motivos pelos quais se estabelecem essas distinções no campo estético. O próprio processo de colonização se dá de forma distinta entre essas nações, considerando-se a colonização espanhola e a portuguesa. No caso brasileiro, por exemplo, se estabelece gradativamente uma relação de rejeição ao Pai/Portugal, nos mais diversos aspectos. Essa rejeição se intensifica, gerando a necessidade de um *paricídio*, sendo que seus desdobramentos provocam discussões até hoje sobre ressentimento além-mar.⁵ Por esse motivo, o Modernismo brasileiro é um movimento que se volta para *dentro* a partir do *fora* que não é Portugal, trata-se de um movimento de busca de identidade a partir do local, valendo-se do estrangeiro. As vanguardas servem, em um primeiro momento, como motivo e inspiração para uma autoafirmação identitária, choque necessário para a ruptura; em um segundo momento, e a partir dele, servem como possibilidade ou salvo conduto para

⁵ Em sua obra *A Nau de Ícaro*, mais especificamente no texto intitulado “Portugal e Brasil: ressentimento e delírio”, o investigador português Eduardo Lourenço analisa as relações entre colonizador e país colonizado a partir da atitude da colônia/filho em relação ao colonizador/pai, e a suposta rejeição desse filho “ingrato”. A análise dessas relações procura dar conta desse sentimento e entender e refletir sobre suas razões. (LOURENÇO, 2001, pp. 135-145)

a experimentação e a legitimação de *teorias*, modos de pensar e de fazer. Na América hispânica, o movimento de certa forma parte de fora, apesar da busca de afirmação de uma identidade hispano-americana, tendo origem também em movimentos estéticos então representativos na França e parte, ainda, daquilo que a primeira vista poderia significar um retrocesso, que é o fato de ir buscar justamente no colonizador um aliado para a superação da(s) dependência(s). Talvez por isso não transcenda de fato, ou, mais especificamente, não se estabeleça como passo definitivo no sentido dessa superação, também por prematuro. No entanto, é um grande passo nessa direção, um gesto *avant la lettre*, e Rubén Darío é o grande responsável por sua concretização.

Porém, talvez não se possa dizer que não tenha havido um gesto de certa forma “conciliatório” em relação ao colonizador no Modernismo brasileiro, pois este, ao deixar de negar qualquer influência, acaba por aceitar essa paternidade, mas como filho que se emancipou de um pai a quem já não deve mais nada, pois que a paternidade aqui é conflituosa. Já não o nega totalmente, mas faz dele apenas mais um objeto de assimilação antropofágica, tanto quanto da mesma forma o faz com qualquer influência, para aproveitá-los naquilo que interessa, antropofagicamente. É uma conciliação diferente do movimento dos Modernistas hispano-americanos, que vão buscar “unir forças” com a *Mãe Espanha*, em uma conciliação mais explícita. Cabe destacar também a singularidade dessa relação colonizado/colonizador no que diz respeito às nações de colonização portuguesa e espanhola: enquanto o Brasil tem um pai, as nações hispano-americanas tem uma mãe, o que talvez pudesse ajudar a explicar o porquê da rejeição de um e da dificuldade de rejeição de outros.

Darío e a formação de redes intelectuais

De tudo o que foi dito, o que talvez possa sintetizar o tema é que certamente o grande mérito de Rubén Darío, no que diz respeito às suas relações com o Brasil, a partir de suas visitas e contatos estabelecidos, foi a inserção do Brasil no mapa geopolítico da América Latina, antes de qualquer um levantar a questão, o que vai desencadear um grande intercâmbio a partir de então, mas que infelizmente parece não ter se mantido nas décadas seguintes. A interação, depois de um primeiro momento de interesse parece arrefecer, pelo menos até as últimas décadas do século, quando se começa a pensar mais efetivamente o tema, a partir do advento do Mercosul, recomeçando-se timidamente a tratar dessas relações e da importância de estarmos em diálogo.

Muito se fala ainda da figura de Rubén Darío e das polêmicas que envolvem o seu nome, sempre com destaque para aquilo que seriam suas contradições, tanto no nível pessoal quanto ao que se refere ao seu pensamento. É correto afirmar que sua biografia ensina as mais diversas teorias e interpretações, muitas vezes servindo de argumento a teses opostas, dada a heterogeneidade de sua produção escrita e a efervescência de seu

pensamento registrado. Intelectual ativo, de temperamento inquieto e curioso, diz-se de Darío, entre tantas outras coisas, pinçadas de tantas leituras e considerações: que este viveu um combate interior; que se converteu em uma instituição, em determinado momento de sua trajetória, pondo em segundo plano sua obra poética para dedicar-se a sua missão intelectual e à consolidação do Modernismo; que canibalizou e saqueou os seus modelos, sem que isso represente uma recriminação ao autor; que pregou a resistência às políticas norte-americanas para a América Latina e também o contrário, que em um determinado momento trai seu pensamento e adere ao inimigo *yanque*; destaca-se sua *ambigüidade* ideológica, estética e política, ou seu papel de formador de uma consciência latino-americana, dando sequência ao que empreende antes dele José Martí, entre outras tantas qualificações, positivas ou não.

Em um texto relativamente recente, publicado no *Nuevo Diálogo* de Nicarágua, sem autoria indicada, o qual resenha a obra de Erick Blandón “Discursos transversales: la recepción de Rubén Darío en Nicaragua”, podemos ler:

[Ruben Darío] es el intelectual integralmente moderno que se inserta en la cultura cosmopolita, pero también es el del joven liberal que se forma en disonancia con las luchas subalternas de los pueblos originarios. [...] Esta reconstitución nos muestra a un estratega intelectual actuando dentro de las prácticas e ideologías de su época, condicionado por ciertos indicios históricos ineludibles. Es el “inteligente joven pobre” a quien en 1882 el Presidente de la República ofrece una beca, recibiendo así, explica Blandón, “su primer revés político”, pues era su deseo salir de Nicaragua. Es también el intelectual ya constituido que sabe usar el escenario público para encarnar diversos papeles (el diplomático, la celebridad literaria, el poeta [...]) A través de entuertos variados, compromisos políticos decididos, pactos intelectuales estratégicos, armonización de figuraciones de su propio yo que resultaban contradictorias, Darío se alza como paradigma [...] De la lectura del ensayo de Blandón se desprende, sin embargo, que este engarce entre personalidad e identidad, o entre intelectual y nación no es todo lo terso que se ha creído, y siguen creyendo los círculos letrados. No existe una homología entre intelectual y nación. (Nuevo Diálogo, 21 enero de 2012)

Porém, no que tange a sua atuação, provavelmente o mais significativo, conforme já assinalamos, é seu papel no sentido de estabelecer uma rede de intelectuais Ibero-americanos, em diálogo com a Europa, seja esse diálogo mais, ou menos, *horizontal*.

Rubén Darío vivió aquel florecimiento del capitalismo juntamente al proceso de conformación de las democracias latinoamericanas. Darío, que amaba la cultura francesa, la modernidad, vivió un combate interior, se convirtió en un tejedor de redes intelectuales entre Iberoamericanos y asumió -sin renunciar a sus inclinaciones más profundas-, una postura decididamente identitaria. (BURGOS, 2013, p. 4)

No que diz respeito a esse diálogo América-Europa, podemos ainda afirmar que certamente a melhor definição-síntese do trabalho a que se propôs Rubén Darío, e que definiria o próprio poeta, seria o termo *poeta transatlântico*, utilizado por muitos

investigadores de seu legado.⁶ Diríamos, inclusive, que talvez seja sua obra e aquilo que caracteriza sua vida e seu pensamento que dão origem ao termo. Darío cria uma forma de posicionamento latino-americano em relação à matriz europeia, ao colonizador e, a partir deste, com as demais nações europeias, a partir da inversão de posições e origens da produção de cultura, em um trânsito que tem a colônia como matriz e não mais o que se configurava até então nas relações entre os países colonizados da América e a Península Ibérica. A esse respeito discorre Jaime Delgado, destacando que não é o primeiro a referir-se dessa forma a Rubén Darío.

Pocas veces, a mi juicio, un adjetivo calificativo va unido a un nombre con mayor propiedad que el de *transatlántico* al de *poeta* en el caso del maestro Rubén Darío. Sin duda por entenderlo así, el escritor venezolano Rufino Blanco-Fombona llamó al vate nicaragüense, en el poema que le dedicó en su muerte, precisamente así: “el divino poeta transatlántico”. Blanco Fombona no explica, naturalmente, el sentido en que escribió su expresión [...] Por eso, yo puedo decir ahora que, de los varios sentidos de la palabra transatlántico, son dos, fundamentalmente, los que pueden aplicarse a Darío con mayor exactitud: aquel según el cual transatlántico quiere decir lo perteneciente a las regiones situadas al otro lado del atlántico y aquel otro que alude al tráfico, los medios de locomoción y - por extensión - las personas que atraviesan dicho océano. [...] Ahora bien, del mismo modo - y esto es lo que me interesa subrayar ahora -, es también “transatlántico” para un compatriota suyo o para cualquier hispanoamericano. Y es que aquí, en definitiva, la expresión *transatlántico* tiene el valor de “hispanico”, pues no en balde el mundo hispanico es la única entidad cultural de la Tierra que puede permitirse el lujo de tener todo un océano como lago interior. [...] Creo, no obstante, que la frase “poeta trasatlántico” es más exacta por la dimensión intercontinental de Darío, por su valor hispanico y por sus vastedades oceánicas [...] (DELGADO, 1967, p. 289-290)

Consideramos válida a posição do autor a respeito do caráter transatlântico da obra e da gesta dariana, no entanto, Delgado, ao afirmar, que isso só pode se dar no mundo hispânico não leva em conta que a América Latina não foi colonizada apenas por Espanha, mas também por Portugal, seu vizinho na Península Ibérica, debruçado também, e exclusivamente, sobre o Atlântico, ao qual se lançou tanto quanto Espanha em sua busca de expansão – não apenas - territorial. Ou seja, tudo aquilo que faz parte do que chamamos colonização no que tange à América Latina diz respeito tanto a Portugal quanto a Espanha e assim, por extensão, a seus autores e a toda sua produção cultural. Convém lembrar que não é pelo fato de que o texto data dos anos sessenta do século passado que aquilo que este afirma não mais esteja presente nos estudos sobre Rubén Darío na atualidade. Encontramos eco desse pensamento, hoje, nos estudos de teóricos respeitados, como é o caso de Graciela Montaldo, por exemplo, que alude ao *Modernismo transatlántico de Rubén Darío*, e que, em um excelente estudo - *La cultura invisible: Rubén Darío y el problema de América Latina*, o qual objetiva, segundo a autora, “revisar un aspecto de esa nueva configuración de la

⁶ Daniel Link utiliza o termo *sutura*. Considerando-se o seu trabalho, Darío efetuará, portanto, uma sutura entre dois mundos. “La poesía, los relatos y los ensayos de Darío usan un puñado de figuras para suturar el mundo vivo de comienzos del siglo XX y para proponer una primera y definitiva versión de la multitud latinoamericana, que tanto se alimenta de las tradiciones europeas como de los mitos autóctonos.” (LINK, 2018, p. 16)

estética en el mundo de la cultura a través de las crónicas de Rubén Darío: las alianzas intelectuales que arma Darío y las negociaciones de una identidad subcontinental que organizan el mundo de su escritura en función de la idea de una cultura hispanoamericana” (MONTALDO, 2000, p.1), ratifica um pensamento recorrente entre os investigadores da obra de Rubén Darío e da Literatura da América Latina.

José Luís Beired é outro autor que nos convém trazer a esta discussão, pois que também acertadamente trata do tema, embora peque ao também destacar esse aspecto associando-o apenas ao mundo hispânico. Beired, que curiosamente é brasileiro, destaca o papel fundamental dos periódicos e revistas culturais na conformação das redes, o que para ele é algo que parece exclusivo do mundo hispânico. Ora, sabemos que no Brasil, e no diálogo que estabelecem com Portugal e, sobretudo, com França, além da tímida interação entre os demais países da América hispânica, as revistas e periódicos culturais foram determinantes para a circulação de ideias e para a aproximação de autores, o que vai ser determinante, por sua vez, para a configuração e consolidação de uma identidade nacional brasileira.

A circulação de ideias e a convergência em torno de certos postulados de índole cultural e política no espaço atlântico conduziam à formação de uma comunidade intelectual de natureza singular que se auto identificava como hispano-americana. As ideias para a formação desta “comunidade imaginária” foram lançadas na década de 1830, mas apenas ganharam impulso a partir da metade do século XX [?]⁷, no contexto de afirmação das nacionalidades. [...] o papel desempenhado pelos intelectuais e pela imprensa na conformação de uma identidade supranacional de caráter hispano-americano, dando atenção especial à formação não apenas de um *espaço de comunicação* mas de uma *rede* que tinha nos jornais e revistas os seus veículos privilegiados. Com base nas pesquisas que realizamos sobre as relações culturais entre a Espanha e a América Latina, podemos afirmar que tais publicações foram elementos constitutivos de uma extensa rede mediante a qual tanto os seus editores quanto os autores veiculados faziam circular ideias e interagiam com outros agentes individuais e coletivos, em função de determinados interesses simbólicos e materiais. (BEIRED, 2009, p. 821)

O autor, ao longo do texto, muitas vezes confunde ou mal emprega os termos: utilizando península ibérica como sinônimo de Espanha, por exemplo; eventualmente empregando o termo América Latina ao referir-se à América hispânica, além de por vezes não incluir Brasil quando se refere à América Latina, ou Brasil e Portugal ao referir-se a ibero-américa. Para Beired, a “ação dos intelectuais e da imprensa contribuiu para a configuração de um espaço singular de circulação de ideias e de formação de uma opinião pública ibero-americana.”⁸ (2009, p. 821). O que estaria bem. No entanto, tanto aqui, como ao longo do texto, o termo Ibero-américa é empregado como sinônimo das relações entre Espanha e América Hispânica.

Nesse sentido as palavras de Rodrigo Caresani são mais adequadas, posto que este

⁷ Provavelmente se trata de um erro de revisão do artigo original.

⁸ Grifo nosso.

deixa em aberto um espaço de inclusão e de *negociação*.

Tanto para la agenda de un latinoamericanismo enfocado en la discusión sobre la “literatura mundial” como para el articulado desde los “estudios transatlánticos”, el modernismo aparece como el germen de una internacionalización de la cultura que reordena el mapa literario, al desplazar la preocupación por los límites y las identidades nacionalitarias hacia la idea de un “mundo” compuesto de flujos asimétricos entre centros y periferias y de un sistema también desigual de relaciones de legitimación y de configuración estética. [...] Para Julio Ortega, principal impulsor de la perspectiva transatlántica, sólo un “modelo de lectura procesal”, radicalmente intercultural y multidisciplinario, permite captar la singular hibridez de los objetos culturales latinoamericanos que “se leen mejor a la luz de ambas orillas del idioma, en su viaje de ida y vuelta, entre las migraciones de las formas y las transformaciones de los códigos” (CARESANI, 2015, p. 2)

Atlânticos e transatlânticos

No entanto, haveria, no âmbito da Literatura Portuguesa e/ou Brasileira, autor que pudesse ser denominado *transatlântico* à época em que circulou pelo mundo, aquém e além-mar, Rubén Darío? Diríamos que não, a princípio, pelo menos não com a relevância que teve o autor nicaraguense para a Literatura da América Latina, incluindo aí a América de colonização portuguesa. Talvez isso explique o fato de que para a investigação da obra de Darío no século passado fizesse sentido falar em mundo hispânico ao tratarmos da questão. De qualquer forma, se não podemos falar na existência de um autor como *fato*, podemos dizer que sempre existiu a possibilidade. No que tange à contemporaneidade, por exemplo, podemos destacar uma figura que no âmbito da literatura brasileira é bastante conhecida. Trata-se da poeta portuguesa Matilde Campilho, a mais brasileira das poetas portuguesas e a mais portuguesa das poetas brasileiras. A autora, contemporânea, vive hoje integralmente o que se convencionou chamar poeta transatlântico. Nascida em Portugal, onde viveu e vive, com estâncias no Brasil, onde produziu boa parte de sua obra sob a influência dessa dupla identidade que acaba por se configurar. Matilde se sente portuguesa, mas se sente também profundamente brasileira, o que vai determinar sua produção literária. A autora tem sua obra publicada aquém e além-mar e é considerada pertencente aos sistemas literários português e brasileiro. Carioca com sotaque português para os brasileiros, Matilde vive, literalmente, entre Rio de Janeiro e Lisboa, sempre envolvida no fazer e discutir poesia e fazer literário, além das relações Brasil/Portugal.

Porém, nos interessam aqui as correspondências entre Darío e seus contemporâneos. Buscamos, entre os autores representativos da Literatura brasileira e portuguesa do período, algum que pudéssemos aproximar a Rubén Darío em termos de atuação e de produção no campo intelectual e literário, independente de um caráter transatlântico que se lhes pudéssemos atribuir. Curiosamente, encontramos muitos pontos de contato entre o nicaraguense e seu contemporâneo Fernando Pessoa.

Poeta, tradutor e ensaísta, o português Fernando Pessoa, nascido em 1888, é mais jovem que Darío em alguns anos e, em Portugal, por meados de 1915, é intelectual bastante ativo. Por essa época já se começa a viver também em Portugal o Modernismo, mas o Modernismo português, ligado às vanguardas, que seria logo em seguida o mesmo movimento estético assim nomeado no Brasil. Pessoa é o grande nome dessa estética, e tem atuação marcante em seus primeiros momentos, que são justamente os de ruptura com as estéticas então vigentes. O marco dessa ruptura é a publicação da *Revista Orpheu*, da qual participa Fernando Pessoa, que marcou sua presença em diversas publicações portuguesas, onde também as revistas culturais tiveram papel de destaque no que diz respeito à difusão de ideias e do pensamento intelectual. Nesse sentido, está muito próximo da atividade a qual se dedicou Rubén Darío. No entanto, Pessoa, ao contrário de Darío pouco se lançou ao mar real. Exceto por suas viagens para África ou Inglaterra, o autor de “Mar Português”, ironicamente, pouco se deslocou de sua terra. Não poderíamos nos referir a Pessoa como poeta transatlântico, as redes que teceu foram no âmbito interno, assim como o mar ao qual se lançou foi interior. Porém, ele estava do lado de lá do Atlântico, “do lado certo”, não havendo a necessidade de lançar-se ao mar em busca de voz ou identidade. O ativismo de Darío é *para fora* – transatlântico, o de Pessoa, para dentro, não é transatlântico, mas talvez *Atlântico*, se considerarmos sua produção, mais especificamente o grande poema *Mensagem*, único publicado em vida pelo poeta. Nele, Pessoa se debruça sobre Portugal, rosto da Europa, e o olhar com que esse rosto fita o mar, o ocidente, *além-Atlântico*. Alguns poemas de Darío guardam pontos de contato com esse olhar, com essa fixação com o outro lado do Atlântico.

No entanto, seja de que ponto da América ou da Península Ibérica nos colocamos, pensar na relação Fernando Pessoa/Rubén Darío, nos leva a pensar no sujeito/poeta que se desdobra em outros. Ambos desdobram-se em personalidades. Fernando Pessoa, a partir da criação de personalidades literárias: heterônimos. Entre estes, aquele que melhor traduziria a inquietação moderna, Álvaro de Campos. As personalidades criadas e alimentadas por Darío são menos personalidades literárias, mas personalidades intelectuais, e de vida, poderíamos dizer. “¡siento que hay algo en mi corazón!” afirma um Darío, “Não sei quantas almas tenho/Cada momento mudei/Continuamente me estranho”, fala um Pessoa.

Parece bem complicado para a crítica manter-se imparcial no estudo de vida e obra de Rubén Darío, tomam-no para justificar teorias diversas e conflitantes, mas há quase sempre um tom de idolatria, nesses estudos. De fato, o interesse e certo mistério se mantêm. No que nos diz respeito interessa-nos o sujeito que coloca o Brasil no mapa literário da América Latina. Aquele que “cria” a crônica jornalística/literária, nos moldes como a concebemos hoje. Mas nos interessa, sobretudo, o Darío peregrino, que tece essa rede intelectual, essa rede de ideias, cujo fio ele estende além-mar, *transatlânticamente*, fio que ao ser puxado aproxima os mapas, traz para junto da América Latina a Europa. E não o movimento inverso. Talvez não possamos saber exatamente quem era esse sujeito, muitos talvez. Mas talvez possamos dizer que assim como Fernando Pessoa, Darío tinha muitos

heterônimos, mas que todos eles se chamavam Rubén Darío.

Referências

ACEREDA, Alberto. Nexos literários comparativos entre Antônio da Fontoura Xavier y Rubén Darío. *Revista de Filología Románica*, 2012, v. 29, n. 2, p. 261-273. 2012. https://doi.org/10.5209/rev_RFRM.2012.v29.n2.40158

ARELLANO, Jorge Eduardo. Rubén Darío transatlántico. Aproximación esencial a su obra. In: *Actas Congreso Internacional Rubén Darío "La sutura de los mundos*. Libro digital. 1. ed. compendiada—Sáenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2018, p. 22-46.

BEIRED, José Luís. Intelectuais e imprensa: a configuração de uma rede hispano-americana no espaço atlântico. *Revista História (São Paulo)*, v. 28, n. 2, p. 821-836, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742009000200029>

BURGOS, Nidia. Rubén Darío y la importancia de sus crónicas. Lección inaugural del XI Simposio Internacional Rubén Darío, realizado en el Teatro Municipal José de la Cruz Mena en la ciudad de León, Nicaragua, el 17 de enero del 2013. Disponível em: <http://archivo.foronicaraguensedecultura.org/2013/01/25/ruben-dario-y-la-importancia-de-sus-cronicas/>

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento, revista mensal de cultura*. Ano 1, n. 1, p. 7-24. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1973.

CARESANI, Rodrigo. Viaje y traducción en el fin de siglo latinoamericano: Rubén Darío y su rara navegación de biblioteca. *Revista Letral*, n. 14, p. 1-16, 2015.

DARÍO, Rubén. El Brasil intelectual. *Letras*. Obras completas, n. 8, p. 53-59, 1917a.

DARÍO, Rubén. *Los raros*. Madrid: Editorial Mundo Latino, 1917b.

DARÍO, Rubén. *El canto errante*. Madrid: Editorial Mundo Latino, 1918.

DELGADO, Jaime. Rubén Darío, poeta transatlántico. *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 212-213, p. 289-331, agosto-septiembre, 1967.

DINIZ, Davidson de Oliveira. Gilberto Freyre, ensaísta intercontinental às bordas do Brasil e da Argentina. Diálogo intelectual rio-pratense e recepção argentina. *ABEHACHE*, Revista da Associação Brasileira de Hispanistas, n. 7, p. 60-81, 2014.

ELLISON, Fred. La Conferencia de Rubén Darío sobre Joaquim Nabuco. In: *Revista Iberoamericana*, v. XXVII, n. 52, p. 329-356, 1961. <https://doi.org/10.5195/REVIBEROAMER.1961.2038>

GARCÍA MÉROU, Martín. *El Brasil intelectual*. Impresiones y notas literarias. Buenos Aires: Félix Lajouane, Editor, 1900.

FERNÁNDEZ, Juan Manuel. Rubén Darío. Una obnubilación brasílica. *Revista Caracol*, n. 3, p. 102-133, 2012. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9651.v0i3p102-133>

El legado de Rubén Darío en la literatura latinoamericana. In: MDZ Cultura & Ciencia, 6 de Febrero de 2016. Disponível em: <http://www.mdzol.com/nota/655281-el-legado-de-ruben-dario-en-la-literatura-latinoamericana>

LINK, Daniel. Presentación. BARTALINI; CARESANI, R. (orgs.) Actas Congreso Internacional Rubén Darío “La sutura de los mundos. Libro digital. 1. ed compendiada– Sáenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2018. p. 14-20.

LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTALDO, Graciela. La cultura invisible: Rubén Darío y el problema de América Latina. *Revista Ciberletras*, n. 2, 2000.

NUEVO DIÁRIO. Rubén Darío y sus lecciones de modernidad. Nicaragua, 21 enero de 2012. Disponível em: <http://www.elnuevodiario.com.ni/actualidad/343793-ruben-dario-sus-lecciones-modernidad/>

ZANETTI, Suzana. O intelectual modernista como artista: Rubén Darío. Tradução de Alexandre Massella. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 19-31, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100002>

Recebido em: 01/08/2019

Aceito em: 06/01/2020